

Revista

Teórica de Debates e Integração e Ativismo Partidário,
Formação Política, Cultura Ideológica e Educação Popular do MPS

O QUADRO

ANO I Revista Mensal do MPS / PSB - nº 001 - de 01 A 30 de ABRIL de 2023



**A importância do
Quadro
para a Revolução**
Página 03

CHE Guevara

**O Quadro:
a coluna
vertebral da
Revolução.**
Página 05

CHE Guevara

**CHE e os
Quadros
de Direção**

Página 09

**Dolores Abralde
e Elvira Cássio**



Lenine e o partido de vanguarda

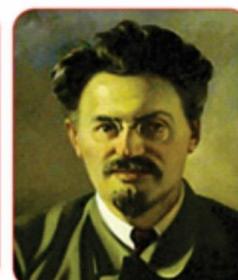
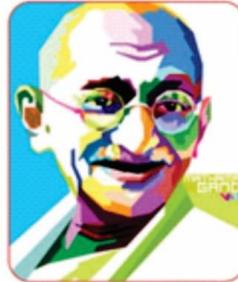
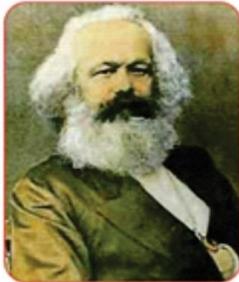
Página 09

Augusto César Buonicore

Fotos dos Fatos

Páginas

04, 08, 15, 25, 26, 27, 28, 29 e 30



EXPEDIENTE da Revista O QUADRO

Revista mensal do MPS - Movimento Popular Socialista, Segmento Social do PSB - Brasília - DF - Publicação eletrônica .

CONSELHO EDITORIAL

Coordenador : ACILINO RIBEIRO - Subcoordenador: a REBECCA FIDELLIS

Assistentes Editoriais: THAISA DAYANE - ELOY FRIZO - OSMAR SÁ JUNIOR - BELLINI MAURIER

Revisão PAULO ANDRÉ e LUKA ROSA - Edição MILENA TEIXEIRA - Arte PALOMA OLIVEIRA

MEMBROS DO CONSELHO:

Secretários Estaduais de Formação Política, Cultura Ideológica e Educação Popular do MPS.

Revista editada sob responsabilidade política da EFOQ - Escola de Formação de Quadros do MPS, dentro do Programa

UNIPOP - Universidade de Políticas do Movimento Popular do MPS e responsabilidade técnica da

Coordenação Executiva de Mídia, Redes e Comunicação do MPS e do Núcleo de Base de Mídiaativistas do PSB - MPS.

COLABORADORES

Alexandre Santos RJ - Paulo Palhares RN - Márcio Rodrigues RJ - Jandira Masuwi BA - Willy Daivson MS - Silviani Lopes Silva MT -

Jair Soares Sousa CE - Elias José Silva CE - Eurides Amaro ES - Anderson Amaro ES - Mariani Freitas PR - Osmar Sá Pontes Jr CE -

Lazaro Conceição BA - Marcos Andrade RJ - Lucas Ghthverry PB - João Batista Fonseca MG - - Everton Chakal RJ - José Iran CE -

Alexandre Barroso CE - João Salame PA - Homero Arruda CE - Bia Cardoso PA - Eliani Carvalho PA - Belline Murrier - Hermano Caixeta

APRESENTAÇÃO

A Revista **O QUADRO** foi um compromisso da nova gestão do MPS que agora busca concretiza-lo através dessa publicação mensal, que fará a integração política e a unidade ideológica do Movimento Popular Socialista – MPS.

Todo partido deve ter um instrumento que oriente ideologicamente sua militância e o PSB tem suas publicações que coadunando com as do MPS, dentro do mesmo raciocínio político e atividade partidária fará esse trabalho pedagógico e ampliará suas ações didáticas no sentido de construir não apenas a unidade política-ideológica, mas também partidária e eleitoral, no desenvolvimento de suas políticas públicas e onde se fundamentará politicamente.

A Revista **O QUADRO** já nasce em seu primeiro número cumprindo o seu papel de bem formar e informar a militância o que é um QUADRO, para assim essa militância do PSB e em especial do MPS compreender seu papel e desenvolver suas ações dentro desse contexto revolucionário que tanto almeja.

Por aqui, mensalmente publicaremos textos os mais diversos, através de artigos, ensaios, teses e monografias, e os mais variados tipos de publicação política, mas de um único e correto matiz ideológico. De esquerda e revolucionário. Na certeza que formaremos Quadros Políticos e Lideranças de Massa que buscarão em sua militância e com seu ativismo a construção de uma Sociedade justa e democrática; atuará na defesa

dos direitos humanos, na proteção do meio ambiente e na conquista da Paz Mundial.

Estes são nossos objetivos e por eles lutaremos. O MPS tem uma militância aguerrida, mas também ansiosa por conhecimento e sempre aguardando e se preparando para o combate, das ideias e do diálogo. Mas principalmente para atuar nas ruas e nas redes, na constante busca da construção do Poder Popular e da Democracia Direta.

E a Revista **O QUADRO** será esse instrumento de formação que estará mensalmente no seu grupo de ZAP, no seu EMAIL, nas redes e onde for necessário para o debate e a orientação do militante.

ACILINO RIBEIRO – Secretário Nacional do PSB. Coordenador Nacional do MPS.



A importância do Quadro para a Revolução

Ernesto CHE Guevara

inShare

O que é um *Quadro*? Devemos dizer que um Quadro é um indivíduo que alcança o suficiente desenvolvimento político para poder interpretar as grandes diretrizes emanadas do poder central, torná-las suas e transmiti-las como orientação à massa, percebendo, além disso, as manifestações dessa massa com aos seus desejos e motivações. É um indivíduo de disciplina ideológica e administrativa que conhece e pratica o centralismo democrático e sabe avaliar as contradições existentes no método para aproveitar ao máximo suas múltiplas facetas; que sabe praticar, na produção, o princípio da discussão coletiva e responsabilidade única; cuja finalidade está provada e cujo valor físico e moral se desenvolveram no compasso de seu desenvolvimento ideológico, de tal maneira que está sempre disposto a enfrentar qualquer debate e responder até com sua vida pela boa marcha da Revolução. É, além disso, um indivíduo com capacidade de análise própria, o que lhe permite tomar decisões necessárias e praticar a iniciativa criadora de modo que não se choque com a disciplina.

O Quadro, pois, é um criador, um dirigente de alta estatura, um técnico de bom nível político, que pode, raciocinando dialeticamente, levar adiante seu setor de produção ou desenvolver a massa desde o seu posto político de direção.

Este exemplar humano, aparentemente rodeado de virtudes difíceis de alcançar, está, no entanto, presente no povo de Cuba, e nós o encontramos todo dia. O essencial é aproveitar todas as oportunidades que há para desenvolvê-lo ao máximo, para educá-lo, para tirar de cada personalidade o maior proveito e convertê-la no valor mais útil possível à nação.

Consegue-se o desenvolvimento de um Quadro na labuta diária. Mas deve-se empreender a tarefa, além disso, de um modo sistemático, em escolas especiais, onde professores competentes sejam exemplos para os alunos, favorecendo a mais rápida ascensão ideológica.

Num regime que inicia a construção do socialismo, não se pode supor um Quadro que não tenha um alto desenvolvimento político, mas por desenvolvimento político não se deve entender só o aprendizado da teoria marxista; deve-se também exigir a responsabilidade do indivíduo pelos seus atos, a disciplina que restringe qualquer debilidade transitória e que não esteja em conflito com uma alta dose de iniciativa, a preocupação constante com todos os problemas da Revolução. Para desenvolvê-lo é necessário começar por estabelecer o princípio seletivo na massa, é ali onde é necessário buscar as

personalidades nascentes provadas no sacrifício ou que começam agora a mostrar suas inquietudes, e levá-las a escolas especiais, ou, na falta delas, para cargos de maior responsabilidade que as ponham à prova no trabalho prático.

Assim fomos encontrando uma multidão de novos Quadros, que se desenvolveram nestes anos; mas seu desenvolvimento não foi uniforme, posto que os jovens companheiros se viram frente à realidade da criação revolucionária sem uma adequada orientação de partido. Alguns triunfaram plenamente, mas há muitos que não puderam fazê-lo completamente e ficaram na metade do caminho, ou simplesmente se perderam no labirinto burocrático ou nas tentações que dá o poder.

Para assegurar o triunfo e a consolidação total da Revolução, necessitamos desenvolver Quadros de diferentes tipos; o Quadro político, que seja a base de nossas organizações de massa, e que as oriente através do Partido Unido da Revolução Socialista* (já se está começando a estabelecer as bases com as escolas nacionais e provinciais de Instrução Revolucionária e com os estudos e círculos de estudo de todos os níveis); também necessita-se de Quadros militares para os quais se pode utilizar a seleção que a guerra fez de nossos jovens combatentes, já que ficou com vida uma boa quantidade, sem grandes conhecimentos teóricos, mas provados no fogo, provados nas condições mais duras da luta e de uma fidelidade a toda a prova com o regime revolucionário, a cujo nascimento e desenvolvimento estão intimamente ligados desde as primeiras guerrilhas da Sierra. Devemos promover também Quadros econômicos que se dediquem especificamente às tarefas difíceis da planificação e às tarefas da organização do Estado Socialista nestes momentos de criação.

É necessário trabalhar com profissionais, estimulando os jovens a seguir algumas das carreiras técnicas mais importantes para tentar dar à ciência o tom de entusiasmo ideológico que garanta um desenvolvimento acelerado. E é imperativo criar a equipe administrativa que saiba aproveitar e harmonizar os conhecimentos técnicos específicos com os demais e orientar as empresas e outras organizações do Estado para integrá-las ao forte ritmo da Revolução. Para todos eles, o denominador comum é a clareza política. Esta não consiste no apoio incondicional aos postulados da Revolução, mas sim num apoio racional, numa grande capacidade de sacrifícios e numa grande capacidade dialética de análise, que permite fazer contínuas contribuições, em todos os níveis, à rica teoria e à

prática da Revolução. Estes companheiros devem ser selecionados na massa, aplicando-se o princípio único de que a melhor sobressaia e que ao melhor sejam dadas as maiores oportunidades de desenvolvimento.

Em todos estes lugares, a função do Quadro, apesar de ocupar frentes distintas, é a mesma. O Quadro é a peça mestra do motor ideológico que é o Partido Unido da Revolução. É o que poderíamos chamar de parafuso dinâmico deste motor: parafuso enquanto peça funcional que assegura seu correto funcionamento, dinâmico enquanto não é um simples transmissor para cima ou para baixo de lemas e demandas, mas um criador que ajudará o desenvolvimento das massas e a informação dos dirigentes, servindo de ponto de contato com aqueles. Tem uma importante missão de vigilância para que não se liquide o grande espírito da

Revolução, para que esta não durma, não diminua seu ritmo. É um lugar sensível; transmite o que vem da massa e lhe infunde o que orienta o Partido.

Desenvolver os Quadros é, pois, uma tarefa inadiável no momento. O desenvolvimento dos Quadros tem sido tomado com grande empenho pelo governo revolucionário; com seus programas de bolsa de acordo com princípios seletivos, com os programas de estudo para os operários, dando diferentes oportunidades de desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento das escolas secundárias e as universidades abrindo novas carreiras, com o desenvolvimento, enfim, do estudo, do trabalho e da vigilância revolucionária como lemas de toda a nossa pátria, baseados fundamentalmente na União de Jovens Comunistas, de onde devem sair os Quadros de todo tipo e ainda os Quadros dirigentes da Revolução no futuro.



**Por um PSB de Quadros e de Massa.
E um MPS nas ruas e nas redes.**

**O POVO VENCERÁ
E construirá o Poder Popular**



**Por um PSB de Quadros e de Massa.
E um MPS nas ruas e nas redes.**

**O POVO VENCERÁ
E construirá o Poder Popular**



Os Quadros vão à luta e se tornam lideranças no combate. Assim foi contra a ditadura no Brasil, quando o PSB passou vinte (20) anos na ilegalidade.

O QUADRO: Coluna Vertebral da Revolução

Ernesto CHE Guevara

Seria desnecessário insistir nas características de nossa Revolução, na forma original, com alguns lances de espontaneidade, com que se produziu a passagem de uma revolução nacional de libertação para uma revolução socialista e na acumulação das etapas vividas a toda pressa no decorrer deste desenvolvimento, que foi dirigido pelos mesmos personagens da epopeia inicial de Moncada, passando pelo Granma e terminando na declaração do caráter socialista da Revolução cubana. Novos simpatizantes, Quadros, organizações foram se somando à débil estrutura orgânica do movimento inicial, até se constituir no aluvião do povo que caracteriza nossa Revolução.

Quando se tornou patente que em Cuba uma nova classe social tomava definitivamente o poder, surgiram também as grandes limitações que se teria no exercício do poder estatal, devido às condições em que se encontrava o Estado, sem Quadros para desenvolver o estado, sem Quadros para desenvolver as tarefas que deviam se desempenhadas no aparelho estatal, na organização política e em toda a frente econômica.

No momento seguinte à tomada do poder, os cargos burocráticos foram designados “a dedo”; não houve maiores problemas, não os houve porque ainda não estava rompida a velha estrutura. O aparelho funcionava no seu ritmo lento e cansado de coisa velha e quase sem vida, mas tinha uma organização e nela a condição suficiente para se manter por inércia, não se importando com as mudanças políticas que ocorriam como prelúdios de mudança na estrutura econômica.

A 16 de abril de 1961, durante os funerais das vítimas do bombardeio do dia anterior dos aeroportos de Santiago de Cuba, San Antón de los Baños e Ciudad Libertad, efetuado como preparação da invasão mercenária da Baía dos

Porcos, Fidel Castro pronunciou a primeira confirmação oficial do caráter socialista que fora adquirindo nos fatos a Revolução Cubana: “... o que não podem perdoar-nos é que estejamos aqui, sob seu nariz, e que tenhamos feito uma Revolução Socialista sob o nariz dos Estados Unidos!”.

Em meados de 1960 se produzia entre Washington e Havana uma verdadeira escalada que radicalizava cada vez mais profunda e irreversivelmente a Revolução. As principais consequências desta situação foram as seguintes: rejeição da parte das empresas Esso, Texaco, e Shell de refinar o petróleo bruto soviético que Cuba tinha começado a importar (6 de junho); desapropriação destas companhias da parte do governo revolucionário (29 de junho de 1º de julho); redução da parte de Washington da quota de açúcar cubano no mercado norte-americano (6 de julho); suspensão total da quota; nacionalização das grandes companhias norte-americanas que operavam em Cuba (6 de agosto); mobilização da OEA contra Cuba (29 de agosto); desapropriação dos bancos norte-americanos (17 de setembro); nacionalização do resto dos interesses norte-americanos em Cuba (13 de outubro); aplicação da parte dos Estados Unidos um embargo sobre numerosos produtos de exportação para Cuba (19 de outubro).

O Movimento 26 de Julho, profundamente abalado pelas lutas internas entre suas alas esquerda e direita, não podia se dedicar a tarefas construtivas; e o Partido Socialista Popular*, pelo fato de suportar duros golpes e a ilegalidade durante anos, não pode desenvolver Quadros intermediários para enfrentar as novas necessidades que se avizinhavam.

Quando ocorreram as primeiras intervenções estatais na economia, a tarefa de formar Quadros não era muito complicada e podia-se

escolher entre muita gente que tinha alguma base mínima para desempenhar o cargo de direção. Mas, com o aceleração do processo, ocorrido a partir da nacionalização das empresas norte-americanas e, posteriormente, das grandes empresas cubanas, aconteceu uma verdadeira fome de técnicos administrativos. Sente-se, por outro lado, uma necessidade de técnicos na produção, devido ao êxodo de muitos deles, atraídos por melhores posições, oferecidas pelas companhias imperialistas em outros lugares da América ou mesmo nos Estados Unidos, de modo que o aparelho político deve se submeter a um intenso esforço, em meio às tarefas de estruturação, para dar atenção ideológica, a uma massa que entra em contato com a Revolução, cheia de vontade de aprender.

Todos cumprimos o papel da melhor maneira que podemos, mas não foi sem penas nem apuros. Muitos erros foram cometidos na parte administrativa do executivo, enormes falhas foram cometidas por parte dos novos administradores de empresas, que tinham responsabilidades demasiadamente grandes em suas mãos, e grandes e caros erros cometemos também no aparelho político, que, pouco a pouco, foi caindo numa tranquila e prazerosa burocracia, identificado quase como um trampolim para promoções e para cargos burocráticos de maior ou menor envergadura, desligado totalmente das massas.

O ponto central de nossos erros está em nossa falta de sentimento de realidade num dado momento. Mas a ferramenta que nos faltou, o que foi embotando nossa capacidade de percepção e convertendo o Partido numa entidade burocrática, pondo em perigo a administração e a produção, foi a falta de Quadros desenvolvidos a nível médio. A política de Quadros se tornava

evidente como sinônimo de política de massas; estabelecer novamente o contato com as massas, contato estreitamente mantido pela Revolução na primeira fase de sua vida e que era sua palavra de ordem. Mas estabelecê-lo através de algum tipo de aparelho que permitisse tirar-lhe o maior proveito, tanto na percepção de todas as palpitações das massas como na transmissão das orientações políticas que, em muitos casos, somente foram dados por intervenções pessoais do Primeiro Ministro Fidel Castro ou de alguns outros líderes da Revolução.

A esta altura podemos nos perguntar: o que é um Quadro? Devemos dizer que um Quadro é um indivíduo que alcança o suficiente desenvolvimento político para poder interpretar as grandes diretrizes emanadas do poder central, torná-las suas e transmiti-las como orientação à massa, percebendo, além disso, as manifestações dessa massa com aos seus desejos e motivações. É um indivíduo de disciplina ideológica e administrativa que conhece e pratica o centralismo democrático e sabe avaliar as contradições existentes no método para aproveitar ao máximo suas múltiplas facetas; quem sabe praticar, na produção, o princípio da discussão coletiva e responsabilidade única; cuja finalidade está provada e cujo valor físico e moral se desenvolveram no compasso de seu desenvolvimento ideológico, de tal maneira que está sempre disposto a enfrentar qualquer debate e responder até com sua vida pela boa marcha da Revolução. É, além disso, um indivíduo com capacidade de análise própria, o que lhe permite tomar decisões necessárias e praticar a iniciativa criadora de modo que não se choque com a disciplina.

O Quadro, pois, é um criador, um dirigente de alta estatura, um técnico de bom nível político, que pode, raciocinando dialeticamente, levar adiante seu setor de produção ou desenvolver a massa desde o seu posto político de direção.

Este exemplar humano, aparentemente rodeado de virtudes difíceis de alcançar, está, no entanto, presente no povo de Cuba, e nós o encontramos todo dia. O essencial é aproveitar todas as oportunidades que há para desenvolvê-lo ao máximo, para educá-lo, para tirar de cada personalidade o maior proveito e convertê-la no valor mais útil possível à nação.

Consegue-se o desenvolvimento de um Quadro na labuta diária. Mas deve-se empreender a tarefa, além disso, de um modo sistemático, em escolas especiais, onde professores competentes sejam exemplos aos alunos, favorecendo a mais rápida ascensão ideológica.

Num regime que inicia a construção do socialismo, não se pode supor um Quadro que não tenha um alto desenvolvimento político, mas por desenvolvimento político não se deve entender só o aprendizado da teoria marxista; deve-se também exigir a responsabilidade do indivíduo pelos seus atos, a disciplina que restringe qualquer debilidade transitória e que não esteja em conflito com uma alta dose de iniciativa, a preocupação constante por todos os problemas da Revolução. Para desenvolvê-lo é necessário começar por estabelecer o princípio seletivo na massa, é ali onde é necessário buscar as personalidades nascentes provadas no sacrifício ou que começam agora a mostrar suas inquietudes, e levá-las a escolas especiais, ou, na falta delas, para cargos de maior responsabilidade que ponha à prova no trabalho prático.

Assim fomos encontrando uma multidão de novos Quadros, que se desenvolveram nestes anos; mas seu desenvolvimento não foi uniforme, posto que os jovens companheiros se viram frente à realidade da criação revolucionária sem uma adequada orientação de partido. Alguns triunfaram plenamente, mas há muitos que não puderam fazê-lo completamente e ficaram na metade do caminho, ou simplesmente se perderam no

labirinto burocrático ou nas tentações que dá o poder.

Para assegurar o triunfo e a consolidação total da Revolução, necessitamos desenvolver Quadros de diferentes tipos; o Quadro político, que seja a base de nossas organizações de massa, e que as oriente através do Partido Unido da Revolução Socialista* (já se está começando a estabelecer as bases com as escolas nacionais e provinciais de Instrução Revolucionária e com os estudos e círculos de estudo de todos os níveis); também necessita-se de Quadros militares para os quais se pode utilizar a seleção que a guerra fez a nossos jovens combatentes, já que ficou com vida uma boa quantidade, sem grandes conhecimentos teóricos, mas provados no fogo, provados nas condições mais duras da luta e de uma fidelidade a toda a prova como regime revolucionário, a cujo nascimento e desenvolvimento estão intimamente ligados desde as primeiras guerrilhas da Sierra. Devemos promover também Quadros econômicos que se dediquem especificamente às tarefas difíceis da planificação e às tarefas da organização do Estado Socialista nestes momentos de criação.

É necessário trabalhar com profissionais, estimulando os jovens a seguir algumas das carreiras técnicas mais importantes para tentar dar à ciência o tom de entusiasmo ideológico que garanta um desenvolvimento acelerado. E é imperativo criar a equipe administrativa que saiba aproveitar e harmonizar os conhecimentos técnicos específicos com os demais e orientar as empresas e outras organizações do Estado para integrá-las ao forte ritmo da Revolução. Para todos eles, o denominador comum é a clareza política. Esta não consiste no apoio incondicional aos postulados da Revolução, mas sim num apoio racional, numa grande capacidade de sacrifícios e numa grande capacidade dialética de análise, que permite fazer contínuas contribuições, em todos

os níveis, à rica teoria e a prática da Revolução. Estes companheiros devem ser selecionados na massa, aplicando-se o princípio único de que o melhor sobressaia e que ao melhor sejam dados as maiores oportunidades de desenvolvimento. Em todos estes lugares, a função do Quadro, apesar de ocupar frentes distintas, é a mesma. O Quadro é a peça mestra do motor ideológico que é o Partido Unido da Revolução. É o que poderíamos chamar de parafuso dinâmico deste motor: parafuso enquanto peça funcional que assegura seu correto funcionamento, dinâmico enquanto não é um simples transmissor para cima ou para baixo de lemas e demandas, mas um criador que ajudará o desenvolvimento das massas e a informação dos dirigentes, servindo de ponto de contato com aqueles. Tem uma importante missão de vigilância para que não se liquide o grande espírito da Revolução, para que esta não durma, não diminua seu ritmo. É um lugar sensível; transmite o que vem da massa e lhe infunde o que orienta o Partido. Desenvolver os Quadros é, pois, uma tarefa inadiável no momento. O desenvolvimento dos Quadros tem sido tomado com grande

empenho pelo Governo revolucionário; com seus programas de bolsa de acordo com princípios seletivos, com os programas de estudo para os operários, dando diferentes oportunidades de desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento das escolas secundárias e as universidades abrindo novas carreiras, com o desenvolvimento, enfim, do estudo, do trabalho e da vigilância revolucionária como lemas de toda a nossa pátria, baseados fundamentalmente na União de Jovens Comunistas, de onde devem sair os Quadros de todo o tipo e ainda os Quadros dirigentes da Revolução no futuro. Intimamente ligado ao conceito de Quadro está o da capacidade de sacrifício, de demonstrar com o próprio exemplo as verdades e as palavras de ordem da revolução. O Quadro, como dirigente político, deve ganhar o respeito dos trabalhadores com sua ação. É imprescindível que conte com a consideração e o carinho dos companheiros a que devem guiar nos caminhos da vanguarda. Por tudo isso, não há melhor Quadro do que aquele cuja massa realiza eleição nas assembleias que

designam os operários exemplares, os que serão integrados ao PURS (Partido Unido da Revolução Socialista) junto com os antigos membros do ORI (Organizações Revolucionárias Integradas), que passem por todas as provas de seleção exigidas. A princípio, constituirão um partido pequeno, mas sua influência entre os trabalhadores será imensa; e logo este crescerá, quando o avanço da consciência socialista for se convertendo em necessidade o trabalho e a entrega total à causa do povo. Com dirigentes médios dessa categoria, as difíceis tarefas que temos pela frente serão cumpridas com menos contratemplos. Depois de um período de desordem e de maus métodos, chegou-se a uma política justa, que não será jamais abandonada. Com o estímulo sempre renovado da classe operária, nutrindo com suas fontes inesgotáveis as filas do futuro Partido Unido da Revolução Socialista, e com a direção de nosso partido, entramos com tudo na tarefa de formação de Quadros que garantam o desenvolvimento impetuoso de nossa Revolução. Haveremos de triunfar nesta empreitada.

(*) O Partido Socialista Popular era um partido socialista anterior à Revolução e análogo a outros partidos de outros países.

(*) O primeiro esforço das organizações revolucionárias cubanas pela constituição de um partido marxista-leninista unificado na fase posterior à Revolução, foi a criação das ORI (Organizações Revolucionárias Integradas), agrupando num único organismo político o Movimento 26 de Julho, o Partido Socialista Popular e o Diretório Estudantil Revolucionário. Em função de sérios desvios de caráter sectário, as ORI foram extintas e se passou à formação do Partido Unido da Revolução Socialista, que posteriormente deu origem ao Partido Comunista de Cuba.



Os Núcleos de Base do MPS serão as células por onde se formarão os militantes e de onde surgirão as grandes lideranças que se transformarão nos grandes Quadros do PSB. Estudando, fazendo cursos de formação, participando de seminários, fóruns e os mais diversos tipos de eventos. Mas principalmente das MARCHAS, PASSEATAS e JORNADAS DE LUTAS que o tanto Movimento Popular Socialista promoverá como apoiará.



**«Se um dia organizei greves, apoiei passeatas,
liderei manifestações, dirigi jornadas de lutas,
ocupeí terras e fabricas, cerquei palácios e participei
de revoluções; entendia Eu que a Revolução é fruto da
necessidade de sobrevivência do povo somado á sua
capacidade de mobilização.**

**Lutei apenas pelo que acredito
e ao lado do povo que queria se libertar.
Se alguns acham que isso é um sonho.**

O sonho não acabou.

Eu sonho com a Revolução.

E é meu dever lutar por ela.

Eu acredito no socialismo.

E é meu direito lutar por êle.

As elites que me condenem.

O povo vencerá e me absolverá».

ACILINO RIBEIRO - Em 1° de Maio de 1993.

CHE - E OS QUADROS REVOLUCIONÁRIOS DE DIREÇÃO

Texto de: DLORES ABRALDES e ELVIRA CÁSSIO

1. O QUE É UM QUADRO?

Um dos problemas que influi negativamente no aumento da eficiência da produção social é o trabalho realizado com os quadros nos diversos níveis de direção, especialmente nas empresas e nas unidades estatais. Isso se deve, em grande parte, ao fato de ainda não se conhecer plenamente o papel que deve ser desempenhado pelo **quadro** na economia socialista.

Por isso, o objetivo fundamental deste trabalho é analisar o papel do quadro na construção do socialismo abordando (publicado na revista “Cuba Socialista” La Habana, maio/89) suas características mais gerais e enfatizando os aspectos específicos dos quadros econômicos, assim como verificar a vigência das ideias do Che referentes ao nosso país (Cuba).

Podemos dizer que um quadro é um indivíduo que já alcançou suficiente desenvolvimento político capaz de interpretar as grandes diretrizes emanadas do poder central, (Congresso, Partido, Instâncias), assumi-las como suas e transmiti-las como orientação para a massa e, igualmente, ser capaz de perceber as manifestações dos desejos e das motivações mais íntimas da massa;

- É um indivíduo com disciplina ideológicas e administrativa, que conhece e prática o centralismo democrático e sabe valorizar as contradições existentes no método para aproveitar ao máximo suas múltiplas facetas;

- Que na produção, sabe praticar o princípio da discussão coletiva, decisão e responsabilidade única, cuja fidelidade está provada e cujo valor físico e moral caminha sempre passo a passo com seu desenvolvimento ideológico, de tal maneira que sempre está disposto a enfrentar qualquer debate e a responder – até mesmo com sua vida – pelo bom andamento da revolução;

- É, além disso, um indivíduo com capacidade de análise própria, o que lhe permite tomar decisões necessárias e praticar a iniciativa criadora de modo tal que não se choque com a disciplina.

2. QUALIDADE DE UM QUADRO

Essas são as principais qualidades consideradas por Che, que deve possuir um quadro.

Deve-se acrescentar ainda, um conjunto de qualidades político-ideológicas e morais e de características técnico-profissionais que, necessariamente, devem ser levadas em consideração quando se vai fazer uma escolha, seleção e designação para alguma tarefa. Essas características foram elaboradas e desenvolvidas por Che através de sua obra, e a seguir detalhamos:

2.1 - BOM SOCIALISTA

“Se vocês tivessem todas as outras características e faltasse apenas esta, a de ser um bom socialista, de ser companheiro de vanguarda em todos os sentidos e de ter uma atitude superior frente à vida, realmente vocês não poderiam nunca ser um grande **quadro** de primeiríssima linha, porque se não existe esta motivação interna que incita constantemente a observar os próprios defeitos, a buscar os defeitos para tratar de superá-los. Para que a Revolução avance, então vocês serão – mesmo que tenham todos os aperfeiçoamentos técnicos ou de qualquer outro tipo – **quadros** sem méritos, mais ou menos brilhantes de acordo com a capacidade de cada um, porém, não serão nunca verdadeiros dirigentes”. Tem que ser bom socialista.

2.2 - EXEMPLO PESSOAL

Toda a vida e toda a ação de Che sempre foram um grande magistério. Seu estilo peculiar era precisamente ensinar com seu exemplo pessoal.

O Che foi um modelo de trabalhador a frente de qualquer das responsabilidades que estiveram a seu encargo. Para ele – como expressou o comandante e Chefe Fidel Castro, no velório solene realizado na Praça da Revolução de 18 de outubro de 1967 – “não houve dias de descanso, não houve horas de descanso”.

O Che entendia o exemplo pessoal como integrante da atitude socialista diante da vida e afirmava que devia se mostrar com o exemplo o caminho a ser seguido, independentemente das dificuldades. Com relação a isso, assinalava que “...o **quadro** deve mobilizar com o seu exemplo...que não se restrinja apenas a ser um operário de mérito, um operário exemplar que leve consigo a todos aqueles capazes de segui-lo, que seja um exemplo para todos...que se lembre sempre que o trabalhador mais digno do país é aquele que

pode ostentar um título de trabalhador distinguindo em qualquer das esferas da produção”.

Em um dos seus artigos afirmava: “Está intimamente ligado ao conceito de quadro a capacidade de sacrifício, de mostrar com o próprio exemplo as verdades e os lemas da revolução”.

2.3 - ESPIRITO DE SACRIFÍCIO

Che considerava que o dirigente se forma no sacrifício, na superação constante, no contato vivificador com o povo. Afirmava que os quadros devem ser os primeiros no estudo, no trabalho, na defesa do entusiasmo revolucionário e os primeiros, também no sacrifício. Também destacava que “Agora os homens de vanguarda devem ir se sacrificando em todos os momentos, até que o sacrifício se transforme em um modo de ser”.

“...Todos, e cada um de nós, paga pontualmente uma cota de sacrifício, conscientes de receber o prêmio na satisfação do dever cumprido, conscientes de avançar com todos em direção ao homem que se vislumbra no horizonte”.

2.4 - DESENVOLVIMENTO POLÍTICO

Che alertava que, “...em um regime que inicia a construção do socialismo, não se pode imaginar um quadro que não tenha alto desenvolvimento político, contudo não se pode entender por desenvolvimento político, apenas o aprendizado de teoria marxista, deve-se também exigir a responsabilidade do indivíduo pelos seus atos; a disciplina que impede qualquer vacilação transitória, mas que não esteja em desacordo com alta dose de iniciativa; a preocupação constante com todos os problemas da Revolução.

E afirmava que, para todos os **Quadros**: - O denominador comum é a clareza política. E que esta, não consiste apenas no apoio incondicional aos postulados da revolução e sim um apoio racional, numa grande capacidade de sacrifício e em uma capacidade dialética de análise que permite fazer contribuições contínuas em todos os níveis, à rica teoria e prática da revolução.

2.5 - FIDELIDADE À PÁTRIA, À CLASSE OPERÁRIA, AO SOCIALISMO E AO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Para Che, a fidelidade se constitui numa grande qualidade a mais de um quadro e um exemplo disso está contido nas seguintes afirmações: “Necessitando-se de quadros militantes...pode-se utilizar a seleção feita pela luta

de nossos jovens combatentes, já que uma boa parte continua com a vida, e, embora sem grandes conhecimentos teóricos, passaram pela prova de fogo, foram aprovados pelas condições mais duras da luta e são de uma fidelidade a toda prova com o regime revolucionário”.

2.6 - AUTORIDADE MORAL

Esta como Che afirmava, não é abstrata e nem se outorga por decreto, mas se sustenta pelo prestígio diante das massas.

“Vocês têm obrigação – não a obrigação administrativa, mas a obrigação moral – de ser dirigentes de vanguarda em todos os sentidos. E quando convocados para um trabalho voluntário, que o administrador apareça diante de todos fazendo o trabalho voluntário que deve ser feito; o administrador deve estar sempre na luta mais difícil, no trabalho mais árduo – salvo se necessita estar em um posto de direção, um posto com característica especial, e tenha que estar nesse posto de direção para que o trabalho não se desorganize – do contrário, o seu lugar deverá ser o mais difícil; ali deve estar o administrador para que cada vez que dê uma ordem, cada um que a receba saiba que quem dá-la essa ordem é alguém com toda autoridade moral para dar essa ordem ou fazer essa convocação, porque é alguém que tem sido sempre um modelo e tem isso sempre à frente de todos no cumprimento do dever”.

Na inauguração da Escola de Quadros o Dr. Osvaldo Dorticós, afirmou:

“Um dirigente deve ter autoridade, um dirigente administrativo-econômico deve ser respeitado pelos operários, deve poder exercer essa disciplina. Porém, não deve exercê-la burocraticamente, não pode exercê-la às costas dos operários, sem a participação dos operários, sem acreditar nos operários, sem buscar incorporar todos e a cada um dos **quadros** na execução e realização do plano”.

Che considerava também, o cuidado com a propriedade social como um elemento importante e necessário à formação da nova moral, e via a necessidade de educar sistematicamente aos trabalhadores e dirigentes no cuidado com a propriedade socialista visando com que eles assumissem pessoalmente os êxitos e as deficiências da empresa.

2.7 - RESPEITO E CONSIDERAÇÃO DE SEUS COMPANHEIROS

“O quadro como dirigente político – dizia o Che – deve ganhar o respeito dos trabalhadores com sua ação. É imprescindível que conte com o carinho e a consideração dos companheiros aos quais deve guiar pelos caminhos da vanguarda”.

Esse respeito é conseguido – em boa parte – através do contato com as massas, na medida em que se sensibilize com os problemas da classe trabalhadora. A esse respeito, o Che comentava: “Às vezes, os administradores se sentam em uma escrivaninha, fecham sua porta e separam totalmente sua vida da vida dos operários da fábrica. Quando isso acontecer, abram a porta, examinem a oficina, examinem a fábrica, entrem em contato com os operários, sejam capazes de aprender com aqueles que sabem”.

2.8- AUDÁCIA E INICIATIVA REVOLUCIONÁRIA

É necessário que o quadro possa vincular a disciplina administrativa, a audácia revolucionária e a capacidade de iniciativa. Sobre isso, Che mencionava: ...Junto com a disciplina administrativa – que deve ser observada rigorosamente – deve-se exigir de cada administrador a audácia revolucionária, a capacidade de iniciativa. O administrador não pode ser o metódico cumpridor de todas as ordens emanadas dos organismos superiores. É uma parte viva que tem que dar de si para contribuir para o aperfeiçoamento do aparelho produtivo, de tal maneira que suas sugestões possam fluir constantemente para direções superiores. E acrescentava: “O quadro é a peça mestra do motor ideológico. É o que poderíamos chamar de um pistão dinâmico, porque não é um simples transmissor para cima ou para baixo, de lemas ou de necessidades, mas sim um criador que ajudará o desenvolvimento das massas e a informação dos dirigentes servindo de ponto de contato com aqueles”.

Sobre a disciplina e iniciativa, Che acreditava, que estas eram as duas coisas que deveriam ser manejadas constantemente e afirmava: “...devem aprender bem quais são as suas obrigações e suas atribuições, de onde não podem sair, o que é que podem deixar e fazer e verão, então, como se amplia cada vez mais a sua esfera de ação e como dentro das diretrizes emanadas do Ministério, as empresas podem desenvolver um trabalho muito amplo e um trabalho criador”.

2.9 - CAPACITAÇÃO E SUPERACÃO CONSTANTE

“Nem o entusiasmo, nem a disciplina, nem o espírito de sacrifício, nem o máximo de trabalho podem se concretizar em uma grande obra, se não há também conhecimentos técnicos onde assentar-se”. Além disso, acrescentava que a capacitação constante deve ser uma preocupação diária da classe trabalhadora e que os quadros devem continuar seus estudos por dois caminhos: “... Um deles é o da aprendizagem rápida e o mais profundo possível do processo de produção específico da unidade que lhes caiba dirigir...”

Mas ao mesmo tempo, continuar todos os problemas da sociedade e da prática revolucionária que fortaleçam sua ideologia... vocês devem ser o motor que impulsionará todo o coletivo onde vocês trabalham, nas tarefas de capacitação”.

2.10 - PROPICIAR A DISCUSSÃO COLETIVA, A RESPONSABILIDADE E DECISÃO ÚNICA

(Sobre a atuação nas empresas coletivas...)

“...A decisão deve ser única, com responsabilidade única e a discussão coletiva. Os diretores devem cumprir as orientações gerais do Ministério e devem além disso conhecer e administrar em todas as suas fases a planificação, a organização e o controle de todas as funções e assuntos da empresa”.

Che destacava também a necessidade de estudar os problemas e discuti-los em todos os níveis e de conjugar adequadamente o interesse pessoal, coletivo e social.

O diretor de empresa ou fábrica será perfeito quando: conjugue em si, o interesse pelo desenvolvimento da classe trabalhadora e do país em geral com o triunfo particular de seu centro de trabalho, a coordenação com todos os organismos revolucionários e a decisão e autoridade para resolver por sua própria responsabilidade os problemas apresentados; saiba elevar-se a tal altura administrativa que lhe permita abarcar em seu conjunto a produção, e descer ao tratamento pessoal e direto com as massas; saiba mandar objetivamente por seus conhecimentos, mas também fazer-se seguir por seu exemplo; conheça a teoria da planificação e seus problemas, e a tecnologia de seu centro de trabalho; quando já superado os níveis intelectuais médios continue aprendendo constantemente, mas se sinta membro da classe trabalhadora e a ela recorra para obter experiências; quando seja capaz de esquecer-se do mínimo interesse pessoal, de antepor o cumprimento das leis e dos deveres revolucionários à amizade pessoal;

quando saiba valorizar os indivíduos por seus feitos objetivos e não por aspectos de sua personalidade ou por suas palavras; quando junte a maior disciplina administrativa e audácia e a iniciativa revolucionária; quando coopere com o desenvolvimento técnico e político da classe trabalhadora proporcionando maiores facilidades aos trabalhadores para o estudo; quando haja aprendido definitivamente que as grandes verdades científicas do movimento revolucionário devem ser completadas pelo trabalho e realidade sobre ela com a arma da teoria.

E assinalava: “Teoria e prática, decisão e discussão, direção e orientação, análise e síntese, são as contraposições dialéticas que devem dominar o administrador revolucionário”.

2.11 - SIMPLICIDADE, MODÉSTIA, HONESTIDADE E CREDIBILIDADE

A simplicidade e a modéstia, inseparáveis da honestidade sempre estiveram presentes na vida e na obra de Che. Isso se reflete em um fragmento de um dos seus discursos, onde assinalava:

“Gostaria de apresentar-me diante de vocês com maiores conhecimentos sobre os problemas exatos da juventude estudiosa com este colégio e poder discutir, porque nós, os que por força das circunstâncias dirigimos a revolução, não somos os donos da verdade, nem de todo o conhecimento do mundo e ainda tempos que aprender. Quando acreditamos haver aprendido tudo ou quando percamos nossa capacidade de contato ou de intercâmbio com o povo e a juventude, será o dia em que teremos deixado de ser revolucionários”.

Che destacava como o princípio da veracidade é inseparável da luta pela construção do socialismo. Por isso afirmou em um encontro nacional de canaveiros: “Temos que falar claramente e dizer a verdade. A verdade nunca é má e, além disso, é nossa verdade de hoje, não é uma verdade derrotista, é uma verdade que explica o porquê de existir algumas faltas em nosso abastecimento, mas que indica sempre que a vitória será nossa e de nós depende que essa vitória seja maior, mais contundente e mais rápida”.

No primeiro Congresso Latino-Americano da Juventude, assegurou que a Revolução Cubana “nunca disse uma mentira. A Revolução Cubana expressa em cada tribuna em que tenha de falar, a verdade dos filhos da sua terra”.

As qualidades anteriores estão presentes quando se referia:

“Em nosso caso, e nossa família deve compreender e lutar por isso. A Revolução se faz através do homem, contudo o homem tem que forjar dia-a-dia o seu espírito revolucionário”.

2.12 - SENSIBILIDADE HUMANA

O pensamento econômico e ético de Che está marcado por uma grande sensibilidade humana.

O Che, como revolucionário, preocupou-se realmente com o homem e com o respeito à sua dignidade, traço inseparável da moral socialista, e comentou: “O marxista deve ser o melhor; o mais cabal, o mais completo dos seres humanos... mas nunca alheio ao calor do contato humano. O marxista acrescentava, deve entender o trabalho como uma necessidade natural. O trabalho deve ser uma necessidade moral nossa, o trabalho deve ser algo para o qual vamos a cada manhã, cada tarde ou cada noite com entusiasmo renovado. Temos de aprender a tirar do trabalho aquilo que ele tem de interessante ou que tem de criador, a conhecer as menores partículas das máquinas ou processo que nos cabe trabalhar”.

“Se não gostamos desse trabalho, devemos nos capacitar para fazer aquele que mais nos agrada” – dizia o Che. E acrescentava: “E nós temos que começar a tomar essa nova atitude diante do trabalho. O dirigente que vai para o trabalho para ver como pode trabalhar por 8 horas e se dentro dessas oito horas pode roubar uma e ficar pensando no horário da saída, então não é um dirigente, não serve”.

3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES

Ao que já foi mencionado anteriormente podemos acrescentar ainda um conjunto de características que devem estar presentes em nossos **quadros**:

A - nível cultural adequado; **B**- conhecimento concreto de suas áreas de atuação; **C** - capacidade de direção; **D** - atitude exigente com os subordinados; **E** - elevado espírito crítico e autocrítico; **F** - contribuição para a formação de novos **quadros**.

Estes são os principais traços que qualificam os **quadros** do socialismo. Porém é muito importante e necessário formar diversos tipos de **quadros** que garantam o desenvolvimento impetuoso de nossa sociedade. O Che dizia: “Para garantir o triunfo e a consolidação total da revolução, necessitamos desenvolver **quadros** de

diferentes tipos; os **quadros políticos** que seja base de nossas organizações de massas, que oriente essas organizações através da ação do Partido...**Quadros militares** para os quais pode-se utilizar a seleção feita pela luta em nossos jovens combatentes...devemos promover também **quadros econômicos** que se dediquem especificamente às tarefas difíceis de planejamento e organização do Estado Socialista”.

No trabalho, se prestará atenção fundamentalmente, ao **quadro econômico** pelo papel que ele desempenha na vida do país.

O **quadro econômico** deve possuir todas as características mencionadas anteriormente, mesmo levando-se em conta as tarefas, funções e objetivos deste tipo de **quadro**, deve-se dedicar atenção especial a seus conhecimentos de teoria econômica e da atividade que vai desempenhar. Não deve ser administrador quem não tenha se formado previamente como um bom especialista na esfera, ramo ou técnica que dirigirá.

O quadro econômico deve possuir as qualidades de um economista competente, deve solucionar problemas complexos e contraditórios, tomar decisões sobre assuntos que requerem conhecimentos das técnicas de gestão, de organização do trabalho e de cálculo econômico. Em resumo deve cuidar para que se consiga o máximo de aproveitamento dos meios de produção concedidos a entidades já que isso determina os resultados econômicos a serem obtidos.

Dada a complexidade do trabalho a ser realizado pelo **quadro econômico**, torna-se necessário que os mesmos possuam o nível cultural e técnico compatível com o cargo que ocupam, para que assim sejam capazes de aplicar a teoria econômica de forma criativa. Isto se consegue com uma adequada **política de quadros**.

4. COMO SE FORMA UM QUADRO

A **política de quadros** inclui o processo de formação, seleção, designação, promoção e aperfeiçoamento dos **quadros**. Esta, como dizia o Che, é um sinônimo de política de massas e deve se levar em conta os aspectos colocados anteriormente.

Cabe perguntar-se, **como se forma um quadro?** Che considerava que ninguém nascia **quadro**, mas que o **quadro** se constrói, e que esse exemplar humano, aparentemente rodeado de virtudes difíceis de alcançar, nos o encontraremos dia-a-dia no povo; o essencial é aproveitar todas as oportunidades que haja para desenvolvê-lo ao

máximo, para educá-lo e tirar de cada personalidade o maior proveito. “Para desenvolver um **quadro** deve-se começar por estabelecer o princípio seletivo nas massas, é ali onde se deve buscar as personalidades nascentes, provadas pelo sacrifício o que começam a mostrar suas inquietudes, e levá-las a escolas especiais ou em sua falta, a cargos de maior responsabilidade para que possam ser testadas no trabalho prático”.

“Quem aspire a ser dirigente – ressaltou Che – deve poder se enfrentar, ou melhor dizendo, expor-se ao veredito das massas”.

O princípio de elegibilidade de nossos **quadros** proposto por Che e reiterado por Fidel, é um dos aspectos essenciais de nossa política de quadros, é a expressão mais completa da democracia representativa e direta dos trabalhadores. Daí a importância de que nossos quadros sejam escolhidos diante da massa e deve-se pensar na forma mais adequada de fazê-lo.

Entre os aspectos que devem ser levados em conta no processo de localização e promoção dos quadros, está o de que, em cada cargo, deve estar em cada momento o quadro que tenha mais capacidade e melhores condições para desempenhá-lo, cuidar para sair promoção de baixo para cima e combinar os quadros mais experientes com os novos.

Ao mesmo tempo, a elevação da eficiência do trabalho dos quadros está estritamente vinculada com o aumento de seu nível de preparação profissional, técnico-científico e político-ideológico. Eis porque a necessidade de seu constante aperfeiçoamento.

O Che ressaltava a importância do domínio e emprego das mais avançadas técnicas de direção por parte dos dirigentes, e a denominada técnica administrativa, destacando que, embora tivesse uma base econômica não podia se identificar com a técnica econômica. A esse respeito, afirmava: “A técnica administrativa consiste em saber aproveitar todos os recursos proporcionados pelo Ministério através de suas diversas metodologias para poder dirigir a fábrica como um todo...saber harmonizar e dirigir todos os diferentes fatores que intervêm na produção em uma fábrica para que constituam um conjunto homogêneo”.

Convém destacar, que quando falarmos de **política de quadros** e de **quadros dirigentes**, não falamos apenas do diretor e do administrador, mas também do chefe de produção, do chefe de oficina, do chefe de turno, do chefe da equipe, etc. Estes dirigentes de base, da produção, são quadros

importantíssimos, pois estão em contato direto com os trabalhadores.

Tampouco podemos ver o quadro econômico em abstrato, como um fenômeno isolado, mas sim em interação com as demais organizações políticas e de massas e com classe trabalhadora. Che dedicou uma atenção especial a esse aspecto e em seu artigo “Discussão coletiva, decisão e responsabilidade única”, onde define as funções do diretor do sindicato e suas relações com a massa.

5. PRINCIPAIS DEFICIÊNCIAS APRESENTADAS NO TRABALHO COM OS QUADROS

Segundo os estudos realizados no ano de 1986 em Havana, foram detectadas as seguintes deficiências no trabalho de formação de quadros em Cuba:

- Existe instabilidade dos quadros;
- Deficiência no trabalho de preparação de quadro que se evidencia dentre outras coisas, em que muitos quadros não cumprem os requisitos para o cargo que ocupam;
- Algumas vezes se nomeiam técnicos e profissionais recém-formados em ministérios, funções estatais e provincianas e institutos de pesquisa, o que contradiz com a ordem de promoção.
- Apenas 42,6% dos quadros que não têm nível cultural adequado se encontram estudando. Isto demonstra a necessidade do aperfeiçoamento dos planos de preparação e aperfeiçoamento dos quadros;
- As avaliações estão cheias de controles burocráticos, afastando-se algumas vezes da realidade por serem superficiais e formais (por exemplo: utilizam-se parágrafos pré-estabelecido e que não expressam os resultados concretos do trabalho);
- Dos quadros analisados 57,1% têm de 1 a 5 anos de experiência na atividade. Nos demais casos, é superior;
- A relação de pessoal aguardando promoção para cada cargo é de 0,35, sendo pois, muito baixa;
- É deficitária a organização do trabalho do dirigente e o emprego de seu tempo é irracional, e isso decorre, dentre outros fatores, pelo “reunionismo” e o planejamento deficiente de seu trabalho individual.

Além de tudo isso que já foi mencionado, é preciso acrescentar que alguns de nossos dirigentes apresentaram alguns comportamentos que são incompatíveis com a moral socialista (acomodação, burocracia, desvio de recursos) o que em grande

parte foi discutido na reunião de análise sobre a questão das empresas de Ciudad da La Havana e La Havana.

6. SIGNIFICAÇÃO ATUAL DO “QUADRO” NO PROCESSO DE RETIFICAÇÃO DE ERROS E TENDÊNCIAS NEGATIVAS

Pelo exposto se deduz a necessidade de corrigir, de conhecer nossos erros, de aprofundar nas causas que os originam e que às vezes estão nos conceitos, nos métodos e nos estilos de trabalho e deixar para trás qualquer tendência que nos afaste do socialismo, que nos separe do socialismo e das concepções marxista-leninistas.

Na reunião Nacional de Produção em agosto de 1961, Che ressaltou que os dirigentes administrativos devem aprofundar-se cada vez mais nos problemas da produção com maior dedicação e conhecer os detalhes. “Temos que fincar pé nos erros, descobri-los e mostrá-los publicamente para corrigi-los o mais rapidamente possível. E naturalmente existem erros e existem grandes debilidades na produção; pode ser que alguns sejam justificados, porém, o mais importante não é justificar o erro e sim impedir que ele se repita”.

Em reiteradas ocasiões Fidel chamava a atenção sobre o fato de que nenhum mecanismo pode substituir a consciência do homem, já que no socialismo o fundamental é a atenção ao homem e, isto, é insubstituível, independente dos métodos e mecanismos que se usem.

Mas, o que aconteceu na prática? Algumas vezes pensávamos que esses mecanismos automáticos, deixados à espontaneidade, iam resolver os problemas. Então, os mecanismos estavam em contradição com as qualidades do quadro econômico, não existindo uma interação entre qualidade e mecanismos.

Por isso é muito importante que nossos quadros econômicos reconheçam seu papel e sua responsabilidade no processo de verificação de erros e tendências negativas e estejam conscientes de que devem exigir mais, que não devem evitar os problemas e sim enfrentá-los e resolvê-los; que não devem minimizar as contradições porque o socialismo como sistema, como relação social de produção não está isento de contradições já que “...a implantação do sistema socialista não elimina as contradições, mas modifica – como dizia Che – a forma de solucioná-las”.

Dáí a necessidade de se conhecer o sistema de contradições existentes a nível do quadro

econômico e das atividades produtivas com o objetivo de conhecê-las, aprofundá-las e buscar formas adequadas de solução.

Entre as conclusões derivadas da análise realizada se destacam as seguintes:

- O quadro econômico deve possuir as qualidades já mencionadas, dedicando especial atenção ao conhecimento da teoria econômica e da atividade que vai desempenhar;
- Deve-se aprofundar no papel do quadro e da sua responsabilidade na elevação da qualidade da produção e dos serviços;
- Deve-se conseguir a aplicação correta do que está estabelecido na política de quadros, com pleno domínio e uma

necessária mudança de mentalidade e de estilo de direção.

- Torna-se necessário incluir nos programas de estudos as especialidades de economia a nível universitário, uma disciplina que ensine a teoria e as técnicas modernas de direção e gerenciamento das empresas;
- Deve-se elevar a consciência econômica, a exigência e o aperfeiçoamento de nossos quadros a todos os níveis de direção;
- Torna-se conveniente preparar cursos e estudos de pré e pós-graduação sobre esta problemática, considerando-se a possibilidade de que se realizem de forma intensiva, em breves períodos de tempo, propiciando intercâmbios de experiências entre os quadros econômicos.

Assim se formam os Quadros revolucionários, de direção e da base.



LÊNIN e o partido de vanguarda

Augusto César Buonicore*

Uma contribuição ao debate sobre a relação entre partido revolucionário e movimentos sociais

Não existe a priori modelo único de organização leninista. Nesta nova fase de luta pelo socialismo, no início do século XXI, é preciso que repensemos coletivamente a forma-partido. Nesse sentido, Lênin pode nos oferecer pistas preciosas. Talvez poucos tenham sido os marxistas que estudaram o problema do partido tanto quanto Lênin. No entanto, depois de sua morte, buscou-se reconstituir o seu pensamento, enrijecendo-o, dogmatizando-o. A teoria do partido político revolucionário leninista foi uma das principais vítimas desse processo de dogmatização. Por longas décadas buscou-se vender a ideia que existiu em Lênin um único modelo organizativo de partido.

Mas na obra de Lênin não existe a apologia de um modelo único e universal de organização revolucionária. Pelo contrário, nela existe inúmeros modelos e o desenvolvimento das suas propostas organizativas estava intimamente ligado ao desenvolvimento do próprio movimento revolucionário russo.

O PRIMEIRO LÊNIN

A primeira fase de produção teórica de Lênin é pouco conhecida, particularmente sua elaboração sobre o problema do partido e da relação entre consciência e espontaneidade. Na sua obra "Projeto e Explicação do Programa do Partido Socialdemocrata" de 1895 ainda não afirmava, como faria posteriormente, que a consciência socialista deveria vir de fora da classe operária, trazida pelos intelectuais revolucionários. Neste trabalho de juventude a consciência de classe (revolucionária) nasceria diretamente, sem mediações, das próprias lutas operárias, viria,

inclusive, da luta econômica contra os patrões dentro das fábricas. Através da luta econômica os operários necessariamente adquiririam a consciência política de classe socialista. O papel da Social Democracia seria de unir as lutas isoladas a fim de acelerar o processo de formação da consciência revolucionária e socialista dos trabalhadores.

Nesta obra afirmou: "a luta dos operários contra os fabricantes por suas necessidades quotidianas, por si sé e de maneira inevitável jogam os de encontro a problemas relativos ao Estado e a política, problemas referentes a como se governa o Estado russo, como se promulgam as leis e os regulamentos e a que interesses servem". Esta citação parece deixar claro que a consciência nasceria de modo espontâneo e inevitável das lutas nas fábricas, a consciência socialista seria extraída dessa luta. As teses de Lênin, nesta fase, se aproximavam bastante de algumas formulações de Rosa de Luxemburgo com quem mais tarde travaria uma rica polêmica. As formulações gerais de Lênin sobre a formação da consciência socialista e sobre o papel da organização revolucionária eram de origem economicista. Sem dúvida, o jovem Lênin estava de um lado influenciado pelas grandes greves operárias de 1895-1896 e, por outro, pelo "primitivismo" teórico dominante nos círculos socialdemocratas russos.

No entanto, mesmo nesta época, o jovem Lênin tinha uma concepção muito mais avançada da luta da socialdemocracia revolucionária do que os economicistas. Embora afirme que a consciência política socialista poderia nascer da luta econômica isto não concedia a luta

econômica a centralidade no processo revolucionário. A centralidade continuava sendo a da luta política. A luta econômica culminará na luta política de classes, a sua forma superior.

No mesmo texto, afirmou Lênin: "a luta da classe operária russa por sua emancipação é uma luta política (...) Na luta da classe operária russa por sua emancipação, o principal obstáculo é o governo autocrático (...) Por isso, a luta da classe operária russa por sua emancipação impõe necessariamente a luta contra o poder ilimitado do governo autocrático".

A INFLUÊNCIA DE KAUTSKY E A CRÍTICA AO ECONOMICISMO

As greves de 1895-1896, ao contrário do que previu Lênin, não produziram automaticamente nem a consciência socialista e nem uma organização partidária sólida. Os economicistas parecem terem sido derrotados pelos fatos.

O resultado deste processo foi que Lênin rompeu definitivamente com as teses economicistas e passou a estudar com mais atenção o problema da relação entre a luta econômica-corporativa dos operários e o processo de constituição de uma consciência revolucionária e socialista. O problema do Partido começou a ganhar relevo na construção teórica de Lênin. Consolidou-se nele a ideia de que somente o Partido revolucionário poderia assegurar às lutas econômicas de massa uma saída política adequada.

Em 1899 escreveu "Uma tendência Regressiva na Socialdemocracia" no qual antecipou algumas teses que estariam presentes em "Que

Fazer?". Afirmou Lênin: "Em todos os países europeus, o socialismo e o movimento operário, em seu início, existiram separadamente. O movimento operário não sendo iluminado pela ciência de vanguarda de sua época continuava reduzido, fracionado, sem adquirir nenhuma importância política. Por isto em todos os países vimos manifestar-se com força a tendência de fundir-se o socialismo como o movimento operário num único movimento social-democrático, essa função dá origem a uma forma superior do movimento operário e socialista, o Partido Socialdemocrata independente".

A influência de Kautsky nesta obra foi indubitável, todo este trecho baseou-se num comentário feito por Kautsky ao programa do Partido socialdemocrata Austríaco. Obra que também foi amplamente utilizada por Lênin na redação de "O Que Fazer?". O chefe da socialdemocracia alemã passou a ser o principal alicerce teórico das críticas leninistas ao economicismo.

QUE FAZER?

Lênin começava então uma enérgica luta contra o economicismo e o espontaneísmo que solapava o processo de construção de um partido socialdemocrata revolucionário na Rússia. Em meio ao combate político-teórico ao economicismo escreveu a obra Que Fazer?

O livro foi publicado em março de 1902. Lenin sabia que para construir um partido verdadeiramente revolucionário, que pudesse cumprir as tarefas colocada pela revolução, era preciso derrotar em todos os campos as concepções que negavam o papel da teoria revolucionária, da construção de uma sólida organização partidária e a necessidade de colocar no centro da tática e da estratégia socialista a

luta política revolucionária contra a autocracia czarista. A vitória do economicismo no interior do partido significaria a derrota da revolução russa.

A obra de Lênin foi um duro golpe na política dos economicistas que era predominante no seio da socialdemocracia russa entre os anos de 1900 e 1902. Ela foi um momento importante na elaboração da política de organização leninista e um dos marcos na construção do Partido bolchevique, da separação dos elementos "oportunistas" que se organizariam na corrente menchevique.

Lênin buscou analisar a complexa relação entre a o fator consciente e o movimento espontâneo das massas. Afirmou ele: "a classe operária, pelas suas próprias forças, não pode chegar senão a consciência sindical, isto é, a convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc."

Lênin se posicionou firmemente contra o culto da espontaneidade do movimento operário desenvolvido pelos economicistas. Para ele "toda diminuição do papel do "elemento consciente", do papel da socialdemocracia significa – quer se queira ou não – um reforço da ideologia burguesa sobre os operários (...) o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta na subordinação à ideologia burguesa"

Essa tendência a subordinação à ideologia burguesa se deveu ao fato de que "cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores."

Para Lênin a social democracia dirigiria a luta da classe operária "não apenas para obter condições

vantajosas na venda de força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos". Por isso os social-democratas não poderiam limitar-se a luta econômica, mas devia empreender, de maneira ativa, a educação política da classe operária. "A 'luta econômica contra o governo' constitui exatamente a política sindical, que ainda se encontra muito e muito longe da política socialdemocrata."

Era, justamente, devido aos limites estruturais da luta econômica que a consciência política de classe não poderia nascer diretamente dela. A verdadeira consciência socialista não poderia nascer da relação direta, e exclusiva, entre operários e patrões dentro das fábricas. A consciência de classe era um reflexo da luta de classes no campo da política.

Afirmou Lênin: "Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria não é socialdemocrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea". Somente a burguesia interessaria reduzir a luta de classes apenas aos aspectos econômicos e sindicais. Por isso, para Lênin, "todo rebaixamento da política socialdemocrata ao nível da política sindical resume-se exatamente em preparar o terreno para fazer o movimento operário um instrumento da democracia burguesa".

Portanto Lênin em "Que Fazer?" consolidou e aprofundou a sua guinada ante economicista e forçou a nota no sentido contrário das afirmações feitas por ele mesmo em 1896. Agora, nada se poderia

esperar do movimento espontâneo das massas.

Para Lênin de "Que Fazer", fiel discípulo de Kautsky, a consciência socialista só poderia ser importada de fora da classe operária. As razões disto eram muito simples: a consciência socialista só pode surgir sobre a base de um profundo conhecimento científico que os operários por si só são incapazes de conseguir. Os portadores desta ciência não poderiam ser os operários, mas os intelectuais revolucionários de origem burguesa e pequeno burguesa. Mas Lênin, em uma nota, ao contrário de Kautsky, teve o cuidado de matizar a afirmação anterior e reconhecer que os operários poderiam participar da elaboração teórica (ou da construção da consciência socialista) mas não o fariam como operários e sim como teóricos do socialismo, ou seja como intelectuais.

Levando ao limite algumas formulações presentes em "Que Fazer?", poderíamos chegar a conclusão de que o proletariado não teria capacidade revolucionária autônoma e tenderia espontaneamente a fazer, eternamente, o trade-unionismo, submetendo-se passivamente a dominação política da burguesia.

Lênin parece que, em tese, admitia que o proletariado pudesse ser instintivamente revolucionário e que, até mesmo, tenderia para o socialismo. Mas, de fato, para ele, esta capacidade permaneceria "em potência" enquanto os intelectuais revolucionários não as trouxesse à tona. Esta concepção, fortemente influenciada por Kautsky, iria conhecer retificações nos anos seguintes, especialmente após a eclosão revolução russa de 1905.

UMA POLÊMICA INTERNACIONAL

O livro de Lênin de início não causou grande polêmica no seio da

socialdemocracia europeia. Ele havia sido aceito inclusive pelos que brevemente seriam chamados de mencheviques (minoría). Afinal existia um esforço comum na luta contra as correntes economicistas dentro do movimento operário russo. As coisas mudaram após o II Congresso da POSDR com a cisão em torno dos métodos de organização. Lênin corretamente defendeu que todo membro do partido não só deveria trabalhar sob a direção de uma organização socialdemocrata, como deveria necessariamente incorporar-se em uma delas. Lênin neste ponto foi derrotado no congresso, mas suas teses acabaram, na prática, sendo vitoriosas e foram incorporadas, como método de organização, inclusive pelos seus adversários.

Ao contrário do que afirmavam alguns críticos, nada havia de antidemocrático na proposta apresentada por Lênin. Elas visavam apenas a dar mais unidade e eficiência a ação política da socialdemocracia russa.

No entanto, haviam pelo menos dois outros pontos na proposta de organização leninistas, elaborada nestes anos, que foram alvos de duras críticas por parte de inúmeras personalidades da socialdemocracia russa e europeia. Os dois pontos mais polêmicos eram: 1º) o modelo de organização que se assentava quase que exclusivamente em um corpo de revolucionários profissionais e na mais rígida centralização que, inclusive, restringia os processos eletivos de base. 2º) A afirmação da positividade da disciplina fabril imposta aos operários e que esta poderia se constituir como base da própria disciplina partidária.

Rosa de Luxemburgo fez sérias críticas ao modelo organizativo proposto por Lênin baseado nos revolucionários profissionais, que manteriam uma relação de exterioridade com a classe operária.

Mas, acredito, que Rosa e Lênin não falavam a mesma língua. E o principal motivo para isto era o fato de que eles viviam em situações econômicas, política e sociais totalmente distintas. Rosa julgava Lênin, muitas vezes, tendo como ponto de referência a Alemanha e não a Rússia czarista.

A fórmula organizativa de Lênin - partido de quadros ou de revolucionários profissionais, relativização da democracia interna - correspondia plenamente a realidade russa, na qual imperava a mais irrestrita ilegalidade (inclusive para os sindicatos classistas). A realidade russa impunha a necessidade de um partido clandestino, centralizado e dificultava a realização de um amplo debate interno. A desobediência a qualquer dos pontos das normas organizativas e de segurança poderia significar a queda de parte, ou mesmo de toda, organização partidária. Para Lênin os métodos de organização e a abrangência da democracia partidária não poderiam ser considerados abstratamente.

Outro fato que não podemos esquecer era a inexistência, pelo menos até 1905, de um amplo movimento das massas operárias na Rússia. E por fim, não me parece que Lênin buscasse transformar este tipo de organização, indispensável para uma conjuntura de forte repressão e marcada pela inexistência de um amplo e profundo movimento de massas, como um modelo que deveria ser mantido em outras conjunturas.

Embora na crítica de Rosa pudéssemos constatar, em certas afirmações isoladas, uma compreensão avançada sobre a relação dialética entre consciência e espontaneidade, devemos constatar que, no conjunto, ela também não respondeu satisfatoriamente o problema.

Rosa, no geral, ficou presa a uma análise fatalista do capitalismo. As contradições objetivas do sistema levariam automaticamente que o proletariado tomasse consciência da necessidade de derrubá-lo, a consciência nasceria espontaneamente da luta econômica e social, a luta econômica tenderia a se transformar em luta política de classes. Esta concepção tendeu a subestimar o papel da vanguarda, do partido político revolucionário. Um erro que Lênin não cometeu.

A REVISÃO LENINISTA

Os acontecimentos revolucionários de 1905 contribuíram de maneira decisiva para a alteração das concepções de Lênin sobre a relação entre consciência socialista e espontaneidade operária e, portanto, sobre a própria política de organização da socialdemocracia russa..

A tarefa da vanguarda passou a ser, segundo ele, dirigir a "atividade revolucionária espontânea das massas", ou seja, as massas deixadas a sua própria sorte poderiam produzir algo mais que apenas o trade-unionismo. A história, que é o desenvolvimento da luta de classes, fez Lênin retificar e precisar algumas de suas teses presentes em *Que Fazer?*.

A ação espontânea das massas operárias urbanas, sem direção de uma vanguarda socialista, fez nascer os sovietes nos quais os bolcheviques, num primeiro momento, se recusaram a participar. Lênin, do seu exílio, conclamou os seus partidários a aderirem aos sovietes, criação das massas insurgentes e o embrião de um novo poder operário.

Lênin escreveu: "Não nos isolem do povo revolucionário, mas submetamo-nos a seu veredicto cada um de nossos passos, cada uma das nossas decisões, apoiamo-nos por inteiro, e exclusivamente,

na livre iniciativa que emana das próprias massas trabalhadoras". Curiosamente essa carta não foi publicada na Rússia, a fração bolchevique ainda estava impregnada pelo espírito de "Que fazer?" e por um certo preconceito em relação a ação espontânea das massas. No entanto a proposta de Lênin acabou prevalecendo.

Não foi sem um forte tom de ironia que Lênin chegou a afirmar: "Nós, dirigentes do proletariado socialdemocrata, nos comportamos como aquele chefe militar que havia disposto seus regimentos de um modo tão absurdo que a maior parte de nossas tropas não participou ativamente da batalha."

Entre 1906 e 1907 Lênin reforçou esta guinada e enfatizou o caráter revolucionário das organizações soviéticas e a capacidade das massas elevar-se espontaneamente ao nível da luta política revolucionária. Ainda durante o ano de 1906 fazendo um balanço da experiência dos Sovietes afirmou: "Não foi nenhuma teoria, nenhum apelo, nem a tática ou a doutrina de nenhum partido, mas a força da própria realidade que levou um órgão sem partido, de massas, a necessidade de desencadear a insurreição e os converteu em seu órgão". Dois meses depois Lênin repetiu o mesmo juízo: "Passando por cima das organizações, a luta proletária das massas converteu-se em revolução. Da greve política geral, o movimento elevou-se ao grau superior".

Enquanto no "Que Fazer?" Era a direção que indicava as massas, espontaneamente trade-unionista, o caminho da revolução aqui eram as massas, espontaneamente revolucionárias, que indicavam o caminho da revolução aos dirigentes socialistas. A nova conjuntura impôs também um novo modelo de organização. Lênin passou a defender uma estrutura mais democrática e elástica,

reivindicou a entrada massiva de operários nas fileiras socialdemocratas, a fim de transformar "em vida os cinzentos esquemas dos intelectuais"; propôs que houvesse para cada intelectual várias centenas de operários.

A conclusão da guinada se deu com a publicação do texto "Doze Anos", em 1906, prólogo de uma compilação de textos escritos pelo próprio Lênin entre 1895 e 1906. A primeira parte foi dedicada, quase exclusivamente, a "esclarecer" o papel desempenhado por "Que Fazer?". Nele, respondendo aos seus críticos, afirmou: "O erro principal dos que hoje polemizam com o Que Fazer? consiste em desligar por completo esta obra de uma situação histórica determinada, de um período histórico concreto do desenvolvimento de nosso partido que passou a muito tempo. Que Fazer? é um resumo da tática e da política iskristas em matéria de organização durante os anos de 1901 e 1902. Um resumo, nem mais e nem menos." e continuou: "nem mesmo no II Congresso pensei em erigir as suas formulações em algo programático, em princípios especiais".

Referindo-se a questão da democracia interna no partido afirmou Lênin: "O Partido Social Democrata aproveitou-se antes de qualquer outro o período passageiro de liberdade para introduzir nas suas fileiras a estrutura democrática ideal, de uma organização aberta, como um sistema eletivo, com uma representação nos congressos proporcional ao número de membros organizados. Esse procedimento não foi utilizado pelos social-revolucionários e nem pelos cadetes, os mais organizados dos partidos burgueses, quase legal e que possui recursos financeiros infinitamente maiores e tem a possibilidade de utilizar a imprensa."

Lênin expressou neste texto sua opinião de que não se devia atribuir a obra de 1903 um caráter teórico geral, nem mesmo tendo em vista a realidade russa pós-1905. No entanto, Lênin defendeu firmemente a política organizativa adotada em 1903 afirmando ter ela cumprido um papel de garantir a vitória sobre o economicismo, principal obstáculo a construção de um partido centralizado e forte em nível nacional. Afirmou ele: "fiz a distorção da nota distorcida pelos economicistas e precisamente porque corrigi energeticamente as deformações, a minha nota será sempre mais justa".

Quando Lênin propugnou que o Partido se abrisse para o ingresso de milhares de combatentes operários, houve duras resistências por parte de bolcheviques mais doutrinários, que acreditavam que a abertura do Partido levaria a sua descaracterização como Partido de Vanguarda.

Lênin reagiu com rigor a tais teses: "No momento presente, quando o heroico proletariado demonstrou na prática a sua disposição (...) de lutar num espírito puramente socialdemocrata, seria por demais ridículo duvidar de que os operários que ingressam no nosso partido (...) não sejam socialdemocratas em 99% dos casos. A classe operária é socialdemocrata por instinto, de modo espontâneo, e em dez longos anos de trabalho, a socialdemocracia fez muito,

muitíssimo, para converter essa espontaneidade em consciência."

Continuou Lênin: "A clandestinidade desmorona-se. Avante, com maior audácia, empunhai as novas armas, entregai-as a gente nova, ampliai as vossas bases de apoio, chamai todos os operários social-democratas, incorporando-os às centenas e aos milhares à fileiras das organizações do partido! (...) Deixemos de lado todo o espírito mesquinho na necessária reforma do partido: comecemos sem dilatação a nova via"

No entanto, a revolução de 1905 foi derrotada e o movimento operário e socialista entrou num período de refluxo. O impacto da derrota da revolução e da repressão que se seguiu pode ser aquilutado pela evolução do número de militantes em Moscou. Dos milhares que existiam no auge da revolução restavam apenas 150 em 1909 e um ano depois, no auge da crise, não passavam de algumas poucas dezenas.

O impacto foi maior entre os intelectuais a ponto de Lênin não conseguir montar uma nova redação para órgão central bolchevique por falta de quadros. Foi um período de crise do movimento socialista e da própria teoria revolucionária. A nova tática aberta após 1905-1906 deveria ser defensiva e o próprio marxismo renovado. Lênin, novamente, seria um dos poucos a compreender que

o movimento operário e socialista estava entrando **numa nova etapa histórica**.

CONCLUSÃO

Lênin compreendia o Partido como um instrumento à serviço da revolução socialista e não como um fim em si mesmo. O desenvolvimento das formas organizativas estava intimamente ligado ao desenvolvimento dos processos revolucionários na Rússia. O partido deveria se adaptar ao processo revolucionário e não a revolução adaptar-se ao partido. Portanto, não existiria a priori um modelo único de organização leninista. O que existiam eram alguns princípios gerais que poderíamos sinteticamente definir: um partido de vanguarda, orientado pelo marxismo, vinculado organicamente com a luta do proletariado, um partido comprometido com a ruptura em relação a ordem capitalista e com a conquista do poder político para os trabalhadores e que se organiza à partir do princípio do centralismo democrático.

Nesta nova fase de luta pelo socialismo, no início do século XXI, é preciso que repensemos coletivamente a forma-partido e sua relação com os movimentos sociais. Neste sentido Lênin pode nos oferecer pistas preciosas mas não pode responder por nós, pois estes é o nosso problema e não o dele.

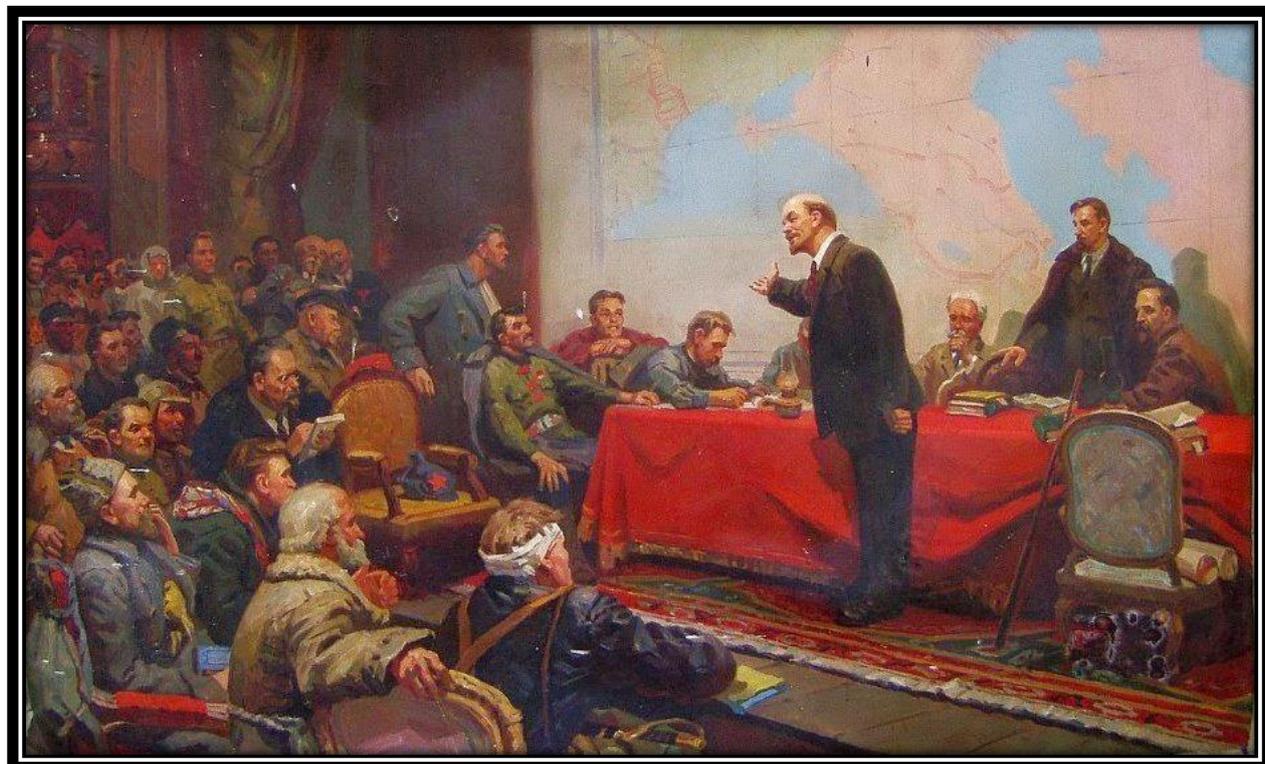
Bibliografia

- Carlo, Antonio, A concepção de Partido Revolucionário em Lenin, in Estudos Cebrap (15), S.P, 1976
Cerroni, Umberto, Teoria do Partido Político, ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1982
Marx, K. e Engels, F., Manifesto do Partido Comunista
Johnstone, Monty, Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda in Hobsbawn, História do Marxismo, vol.6; - Lênin, V. I., Que Fazer - Um Passo à Frente, Dois Passos Atrás 1905-Jornadas Revolucionárias, ed. História,Contagem-MG, 1980
Luxemburgo, Rosa, Problemas de Organização da Social-Democracia Russa
Marx, Engels, Lenin Trotski, A Questão do Partido, Ed. Kairós
Valadares, Loreta, "Qual Partido?" in Princípios 23, março-abril de 1992

** Augusto César Buonicore, Historiador, doutorando em Ciências Sociais pela Unicamp, membro do Comitê Estadual de São Paulo, do Comitê Central do PCdoB e do Conselho de Redação das revistas Debate Sindical e Princípios EDIÇÃO 69, MAI/JUN/JUL, 2003, PÁGINAS 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54.*



Momentos da Revolução Russa



Homem de Ciência e Lutador Socialista

“...Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da natureza humana [...] Marx descobriu também a lei específica que move o atual modo de produção capitalista e a sociedade burguesa criada por ele”. Mas ele não se contentava com os estudos, com as brilhantes conclusões a que chegava como resultado de suas investigações. O que considerava a verdadeira missão de sua vida? “...Marx era, acima de tudo, um revolucionário. Cooperar para a derrubada da sociedade capitalista, contribuir para a emancipação do proletariado. A luta era seu elemento.” (Engels, discurso no túmulo de Marx em 17/3/1883).

O interesse pelo estudo, pela pesquisa, para entender os fenômenos em sua essência e não apenas em sua aparência, acompanhou desde a mais tenra idade Karl Heinrich Marx, que nasceu em Treves (Prússia, Alemanha) no dia 5 de maio de 1818. O pai, Einrich Marx e a mãe, Henriqueta Pressburg eram de origem judaica. Os primeiros estudos foram no Liceu de Treves, mas ele não se limitava aos ensinamentos da escola. Frequentava a casa de Ludwig de Westfalen, funcionário do governo prussiano e homem de vasta cultura. Outro fator também atraía o garoto: uma bela menina, Jenny, filha do sábio amigo e também muito interessada em beber na fonte do conhecimento. Com ela, Marx casar-se-ia aos 26 anos e viveria a vida inteira.

Em 1835, foi para a Universidade de Bonn mas logo se transferiu para a de Berlim, “centro de toda cultura e de toda a verdade”, como a classificava o filósofo Hegel. Foi nela que depois de muito estudo, muita reflexão, se tornou um jovem hegeliano. Marx dedicou-se ao estudo da filosofia, do direito, da história, da geografia e expressava essa ânsia de saber nas cartas ao pai e em poesias.

Abandonou cedo os estudos de Direito para aprofundar os conhecimentos filosóficos e obteve o título de doutor em 1841. Tentou uma vaga de livre docente, mas as universidades

prussianas não simpatizavam com livres pensadores.

A oportunidade de trabalho surgiu quando um grupo de liberais da Renânia fundou um jornal, a Gazeta Renana e convidou os jovens hegelianos para a redação. Constatou então que para escrever sobre questões da atualidade, como as teorias do socialismo francês e as questões agrárias da Renânia, não bastava o saber filosófico, tornando-se necessário estudar a fundo a Economia Política e o Socialismo.

Os estudos da economia política e do socialismo levaram Marx a romper com a visão hegeliana e aderir ao comunismo. Em outubro de 1843, morando em Paris com Jenny, com quem se casara em setembro daquele ano, escreveu em Anais Franco-alemães, publicação que dirigiu: “...O sistema de lucro e do comércio, da propriedade privada e da exploração do homem, acarreta no seio da sociedade atual, um dilaceramento que o antigo sistema é incapaz de curar porque ele não cria nem cura, mas apenas existe e goza”.

Anais Franco-alemães publicou um trabalho intitulado *Esboço de uma Crítica da Economia Política*, que Max classificou de genial. Era de autoria de Friedrich Engels, que por sua vez acompanhava com admiração os escritos de Marx. Os dois se encontraram em Paris em setembro de 1844, ocasião em que nasceu uma amizade e uma parceria ímpares e fundamentais para a elaboração da teoria do socialismo científico (Sobre Engels, veja A Verdade nº 47). Até ser expulso da França em 1845, a pedido do governo prussiano, Marx conviveu com os operários, conheceu seus movimentos, os socialistas utópicos e teóricos como Proudhon, com quem estabeleceu uma polêmica.

Proudhon escreveu *A Filosofia da Miséria*, obra em que criticava os utópicos, que pretendiam construir uma nova ordem social “sobre os sentimentos paradisíacos de fraternidade, de amor, de abnegação”. Propunha ação concreta, mediante a criação de grupos de produção autônomos, que trocariam entre si os produtos criados por eles, prescindindo da moeda e estabelecendo

relações de cooperação e solidariedade. As atividades seriam organizadas de acordo com as necessidades da Comunidade .

Marx respondeu em *A Miséria da Filosofia* que Proudhon não compreendeu que as relações sociais entre os homens estão estreitamente ligadas às forças produtivas. No capitalismo, à medida que a burguesia se desenvolve, surge um novo proletariado; uma luta é travada entre a classe proletária e a burguesia, dado o caráter contraditório do sistema, pois as mesmas condições nas quais se produz a riqueza se produz a miséria. A única solução justa, diz Marx, porque provém da situação real, é organizar a classe oprimida para tornar a luta consciente. No decorrer dessas lutas é que nascerá a nova sociedade; aliás, ressalta, isso só poderá se suceder quando as forças produtivas tiverem atingido elevado grau de desenvolvimento.

O Manifesto Comunista e a organização do proletariado

Expulso de Paris, Marx foi para Bruxelas, onde ingressou na Liga dos Comunistas, organização dos operários alemães imigrados, à qual já pertencia Engels. A Liga definiu seus princípios e atribuiu a Marx e Engels a tarefa de dar-lhes forma e fundamentação teórica. Nasceu o *Manifesto do Partido Comunista* publicado em 1848, que se tornou a bíblia do movimento operário revolucionário. O Manifesto trata de três temas essenciais:

- 1- a história do desenvolvimento da burguesia. Sua obra positiva e negativa;
- 2- a luta de classe e o papel do proletariado;
- 3- a ação revolucionária dos comunistas.

Mal é editado o *Manifesto Comunista*, eclode a revolução de 1848, que destrona a monarquia reinstalada na França pela burguesia, e se espalha por toda a Europa. Marx foi imediatamente preso e expulso de Bruxelas. Engels conseguiu se engajar no movimento revolucionário e participou de várias batalhas. Com a derrota, deixou o país. Ambos foram viver na Inglaterra, Marx em Londres e Engels em Manchester, mas comunicavam-se diariamente e voltaram a ser vizinhos 20 anos depois. Nesse período Marx se dedicou à elaboração de *O Capital*, sua principal obra, e aos contatos com o movimento operário.

A ideia surgiu da correspondência entre militantes operários da Inglaterra e da França e em setembro de 1864 se fundou a Associação

Internacional de Trabalhadores. A mensagem inaugural, redigida por Marx, destaca a necessidade de uma ação econômica e política da classe operária em favor da transformação da sociedade. Marx dedicou-se à Internacional de 1865 a 1871, ano em que ela foi dissolvida, graças à ação dos anarquistas seguidores de Michael Bakunine (ativista russo).

Pai doce, terno e indulgente

Foi a Internacional que levou o jovem militante Paul Lafargue a conhecer Marx, de quem se tornou discípulo, amigo, admirador e genro, pois se casou com Laura, uma de suas três filhas (O casal Marx/Jenny teve seis filhos – quatro meninas e dois meninos-, dos quais só três meninas sobreviveram [Jenny, Laura e Eleanor]).

É Lafargue quem detalha aspectos da vida pessoal de Marx, destacando sua energia incansável para os estudos e para a ação. Seu cérebro não parava e durante as caminhadas que faziam no final da tarde, discorria sobre questões relativas ao capital, obra que estava elaborando na época e da qual só redigiu o I Volume, tendo Engels escrito os dois seguintes, a partir das anotações que o amigo deixou.

Quando cansava do trabalho científico, lia romances, dramaturgia, conhecia de cor as obras de Shakespeare ou álgebra (chegou a escrever um trabalho sobre cálculo infinitesimal). Os domingos eram reservados para as filhas, uma exigência delas. “Pai doce, terno e indulgente, não dava ordens, pedia as coisas por obséquio, persuadia-as a não fazer aquilo que contrariasse seus desejos. E como era obedecido! As filhas não o chamavam de pai e sim de ‘mouro’, apelido que lhe deram por causa de sua cor mate, de sua barba e dos cabelos negros”.

O proletariado tomou o céu de assalto

Em fins de 1870, o proletariado francês voltava a efervescer e uma insurreição se anunciava. O Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores avaliou que não havia amadurecimento das condições objetivas para assegurar o poder da classe operária e implantar o socialismo e emitiu resolução redigida por Marx, apelando para que “... utilizem, tranquilamente e com energia, os meios que lhes oferecerem as liberdades republicanas a fim de poderem efetivar a organização de sua própria classe. Isso lhes proporcionará forças novas e gigantescas para a renascença da

França e a realização da tarefa comum: a libertação do proletariado”.

Mas os operários parisienses não deram ouvidos; cansados da política antidemocrática, humilhados, no dia 18 de março de 1871 tomaram o poder e instalaram a Comuna de Paris, anunciando as primeiras medidas de construção de uma sociedade socialista. A duração foi efêmera, mas rica de experiências que Marx consolidaria na sua obra *A Guerra Civil na França*.

A Internacional deu todo o apoio possível ao proletariado francês em luta, tanto durante a guerra, como depois, protegendo os exilados e denunciando ao mundo a cruel repressão que a burguesia desencadeou sobre os operários parisienses e suas famílias.

Os últimos anos

Foram de sofrimento, com as doenças que lhe atingiram e à mulher, Jenny, que faleceu no dia 2 de dezembro de 1881. Ao tomar conhecimento do fato, Engels comentou: “O mouro morreu também”. E não se enganava. Já debilitado, com problemas pulmonares, no dia 14 de março de 1883, o genial pensador faleceu repentinamente enquanto repousava numa cadeira em seu aposento de trabalho.

No sepultamento, sem cerimonial, como era seu desejo, junto à esposa, colaboradora e companheira de toda a vida, Engels discursou: “... É praticamente impossível calcular o que o proletariado militante da Europa e da América e a ciência histórica perderam com a morte deste homem...”

Legado e atualidade do marxismo

“Os filósofos buscam interpretar o mundo, enquanto nós queremos transforma-lo”, assim diferenciava Marx o materialismo histórico e dialético da filosofia clássica e mesmo da hegeliana. E o marxismo tem sido, de fato, guia para ação dos movimentos revolucionários dos trabalhadores em todo o mundo.

Apressada, a burguesia comemorou a derrocada dos regimes ditos socialistas da URSS e do leste europeu no final dos anos 80 e início da década de 90 e chegou a propalar o “fim da história”, deixando de observar que a tragédia se deu exatamente porque os dirigentes, atraídos pelo canto de sereia burguês, se desviaram do

Para finalizar essa tarefa hercúlea, falar sobre Marx em uma página, queda a minha pena, incapaz de expressar algo diferente ou que se aproxime, pelo menos, do que proferiu Engels ante o túmulo em que foi depositado o corpo do grande pensador e herói do proletariado: “...o homem mais odiado e caluniado pela burguesia morreu venerado e querido, chorado por milhões de trabalhadores da causa revolucionária. Seu nome viverá através dos séculos e, com ele, sua obra”. Luiz Alves - (Publicado no Jornal A Verdade, nº 48)

marxismo que norteou a Revolução Bolchevique de 1917, dirigida por Lênin, um genial discípulo de Marx.

Mas não demorou e o champanhe foi substituído por lágrimas, em decorrência dos conflitos que se sucederam nos quatro cantos do mundo e atingiram o centro do imperialismo.

Ao contrário, a evolução do capitalismo só tem comprovado as teses marxistas e seu caráter científico.

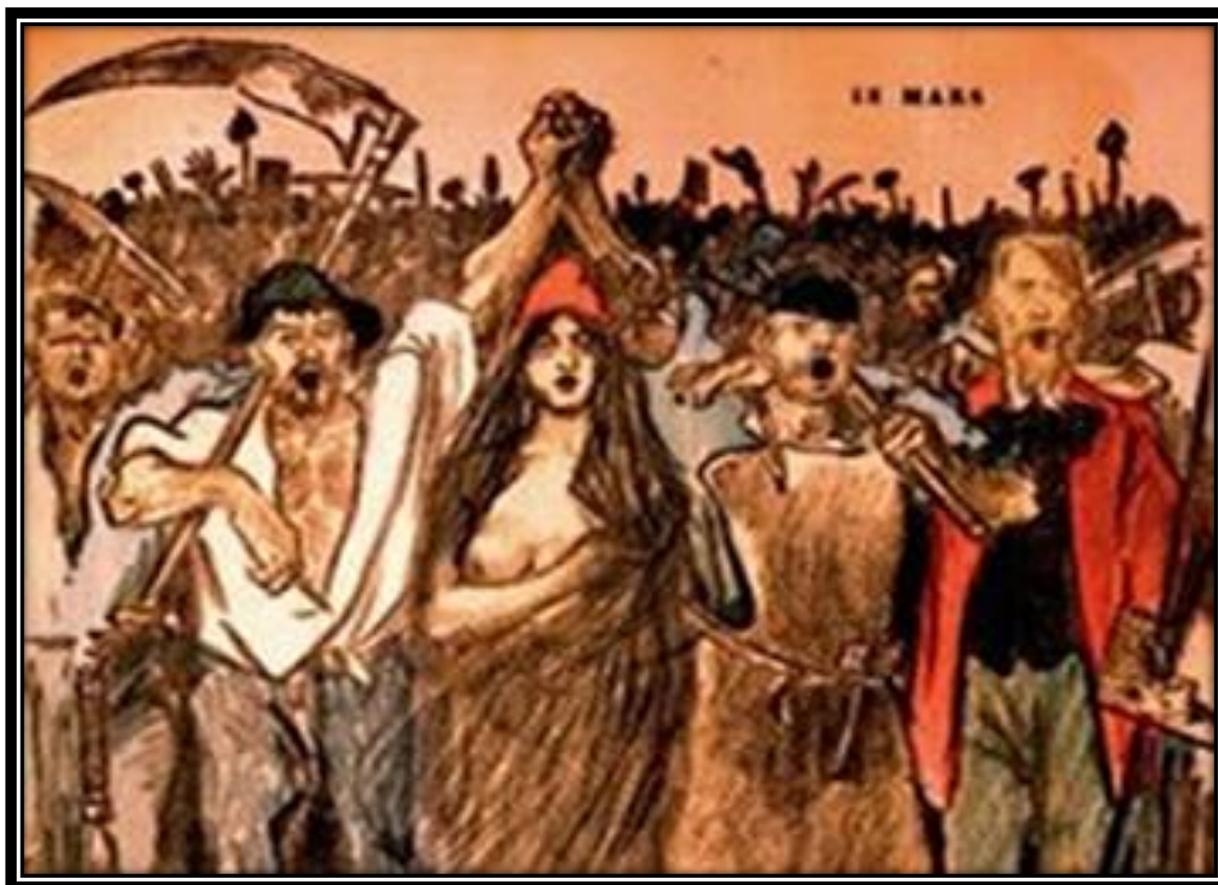
Globalização: por que a surpresa?

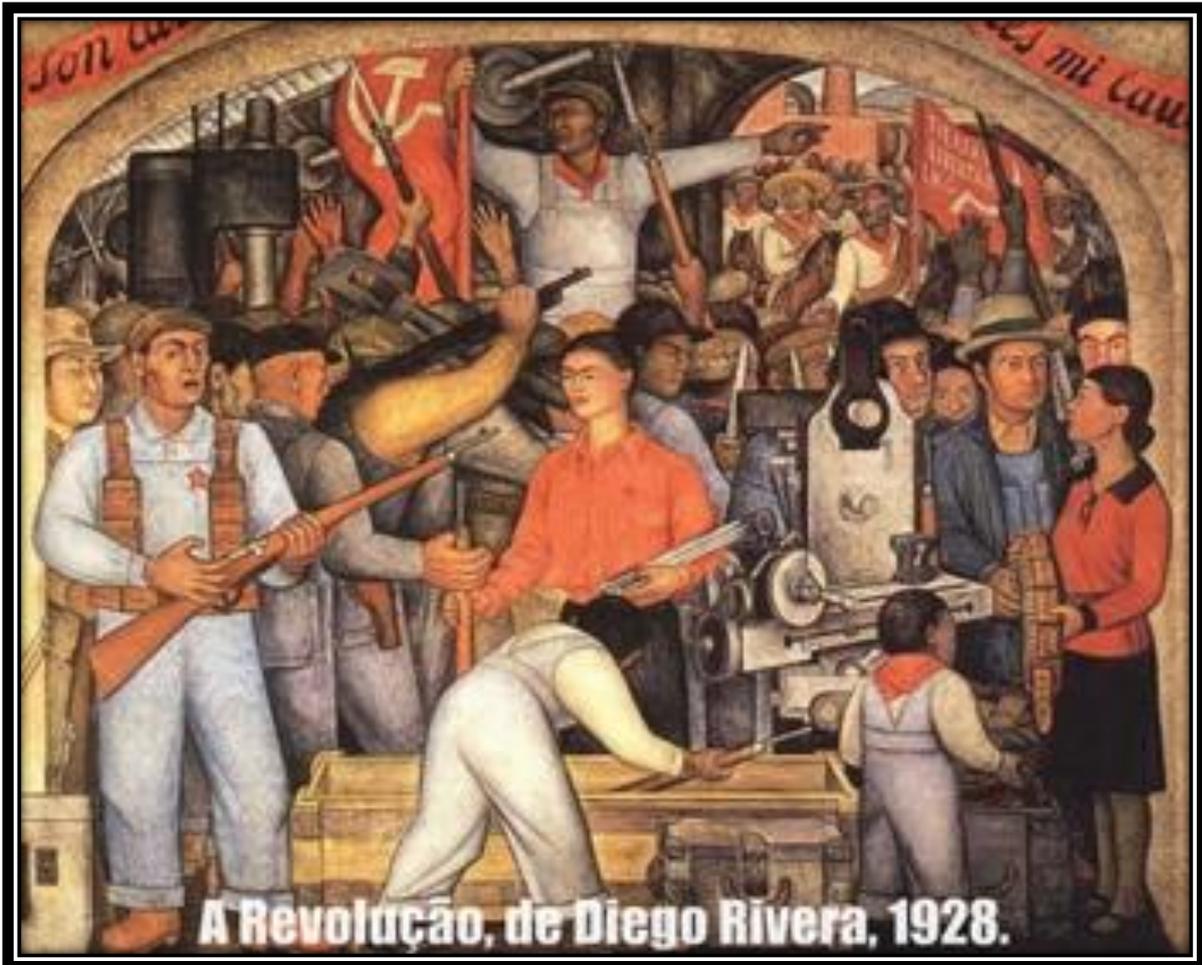
Nas suas jogadas de marketing, os teóricos da burguesia e seus meios de comunicação apresentaram a chamada “globalização” como algo novo, avassalador, que suplantaria qualquer resistência e bloquearia qualquer tentativa de transformação social. Ora, o capitalismo tem caráter mundial desde o seu surgimento: o que foram as grandes navegações? A colonização? É de sua essência, como afirmou o *Manifesto Comunista*, no ano de 1848: “... *Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países.*”

Os fatos recentes comprovam também que quanto mais se desenvolve, mais o capitalismo “*forja as armas que o levarão à morte*”. A produtividade é cada vez maior, mas o avanço tecnológico que a possibilita produz um exército permanente de desempregados e comprime os salários dos que permanecem na ativa, reduzindo assustadoramente o número de consumidores. Por isso, as crises se repetem em ciclos cada vez menores e atingem tanto a periferia como os países centrais. Seu declínio e a vitória do proletariado são, portanto, inevitáveis.

Essa vitória não é automática, entretanto. Ela carece da ação do proletariado consciente e organizado enquanto classe “para si”, tendo à frente os comunistas, “parcela mais decidida e avançada dos partidos operários de cada país” e que têm uma visão internacionalista, capaz de fomentar a união mundial dos oprimidos, realizando a conclamação com que Marx e Engels concluíram o Manifesto: “*Proletários de todos os países, uni-vos*”.

Fotos dos Fatos





MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



Um Novo PSB
Uma Nova Esquerda
Uma Nova Internacional

MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



MPO
 MOVIMENTO
 POPULAR
 SOCIALISTA
 Partido Socialista Brasileiro



PROGRAMA
UNIPOP

*Parceria c/
PSB - FJM
Apoio: FAMA
Faculdade
MIGUEL ARRAES*



*Universidade de Políticas
do Movimento Popular*

Escola de Formação de Quadros do MPS

www.unipop-brasil.blogspot.com

EMAIL: unipop.brasil@gmail.com

Facebook - UNIPOP BRASIL

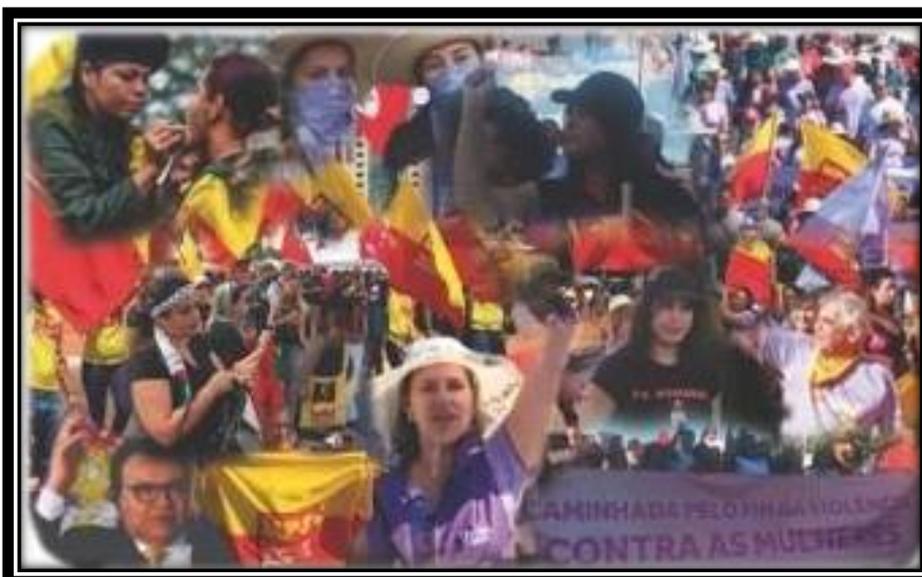


**O importante na vida do militante não é
ele ser importante, é ele ser útil.**

ACILINO RIBEIRO



MPS em manifestações contra Bolsonaro e na campanha por LULA e ALCKMIN de 2019 a 2022



O mês de março é dedicado á mulher e especialmente o dia 08 é simbolicamente considerado o Dia Internacional de luta. Nesta página a Revista O QUADRO homenageia todas as companheiras de luta que de uma forma ou de outra cumpriram seu papel na história, demonstrando sua coragem no combate e sacrificando suas vidas em favor de seus ideais. Muitas foram as que assim o fizeram, e Fridda Kahla, Rosa Luxemburgo, Simone Bevoir, Angela Davis e Leila Khaled conforme fotos abaixo, são símbolos dessa luta, assim como homens que em seus países também contribuíram para essa luta..

